

# ESTUDO: AVALIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

## **Uma Conferência dada a 11 de Agosto de 1964**

Muito bem; em que data estamos?

11 de Agosto A.D. 14, Curso de Instrução Especial de Saint Hill.

Muito bem. E vamos retomar as nossas conferências sobre o assunto do estudo, e quanto mais falo de estudo, melhores são as vossas classificações e isto também é excelente. Esta é uma das séries de conferências com mais êxito que alguma vez empreendi, acho eu, mais produtiva em termos de resultados, colossais e assombrosos, realmente fabulosos.

O risco... o risco profissional de um cientologista reside no facto de ele estar a lidar com significâncias e estar a lidar com massas; e ligam a massa correcta ou ligeiramente errada com a significância correcta ou ligeiramente errada, e se as acasalam mal de uma forma ou outra obtêm uma catástrofe, e assim é a vida.

Ora bem, vocês, como Cientologistas, não devem preocupar-se terrivelmente com isto. O electricista habitua-se a manejar 10.000 voltes, o artista de circo acha que não é nada dar uma palmadinha no focinho dos leões; e eu chamo a vossa atenção para o facto de que o público em geral vê um electricista a manejar linhas carregadas, ou uma coisa assim, e fica horrorizado, estão a ver? E vocês olham para um treinador de leões numa jaula (eles detestam que lhes chamem domadores porque os leões nunca estão domados; um leão domado é a última coisa que querem por perto, vêem, por isso eles querem bons leões selvagens) a dar palmadinhas no focinho dos leões etc., e o público observa e diz "Uuuuhhh!" Mas na realidade, eles sentir-se-iam bastante desconfortáveis se não tivessem à sua volta alguns grandes gatos perante os quais fazer estalar os chicotes, sabem? Quer dizer, o treinador de leões sentir-se-ia assim. Esta é a sua vida, e o público em geral, não sendo iniciado nisto, é claro que fica horrorizado e completamente espantado pela associação do treinador de leões com os grandes gatos na jaula.

Clyde Beatty, por exemplo, costumava lidar simultaneamente com 40 leões e tigres, misturados. E eu imagino que ele, se se deixasse disso por uns dias, bem, sentir-se-ia muito, muito infeliz, sabem, sentir-se-ia aborrecido e a vida parecer-lhe-ia sem interesse.

Ora bem, existem muitas outras profissões e muitas outras actividades, e assim por diante. Vocês questionam-se como é que um dentista pode, em nome de Deus, estar ali dia após dia, após dia, após dia a arrancar dentes. Fantástico, mas ele consegue fazer isso. Questionam-se como é que um cirurgião pode estar ali a cortar entranhas e a deitar os desperdícios para o caixote do lixo hora após hora, vejam, ano após ano. Como é possível? O que são todas estas coisas? Bem, estas coisas são o que é conhecido como familiaridades profissionais. E se se

familiarizam suficientemente com um assunto particular... este pode parecer terrivelmente perigoso e perturbador a outras pessoas, mas não é realmente perigoso ou perturbador para vocês. Isto é notável; em qualquer actividade ou campo particular uma pessoa é susceptível de se tornar bastante sobre-humana.

Isso é o que está a ser exigido de vocês em Cientologia. Não estou a falar sobre se irão melhorar, ou tornar-se Clear ou OT ou qualquer outra coisa; estou apenas a falar numa espécie de abordagem muito terra-a-terra, muito básica.

Bom, esta é uma área bastante favorável para uma pessoa ser profissional; porque a vida consiste de vivência, e a vivência tem muito a ver com a mente. De facto, nem haveria aqui nada onde viver, nem qualquer vida para realizar a menos que estivesse por aí uma mente, compreendem?

Portanto, a questão de exercer actividade no campo da mente, e por aí fora, tem os seus riscos mas tem, certamente, muitas coisas que são muito boas.

Ora, o psiquiatra e o psicólogo, e por aí fora, estão muito ocupados, no mundo de hoje, no campo da pesquisa “motivacional”, aquilo que eles designam por pesquisa “motivacional”; um assunto muito interessante. Recomendo a todos os Cientologistas, e particularmente às pessoas que estão envolvidas em actividades promocionais nas organizações, que leiam um livro intitulado *Persuasores Ocultos*. Bom, é um livro muito interessante. Embora tente troçar da ideia de persuasores ocultos e por aí fora, nas entrelinhas dá-vos uma dissertação muito minuciosa sobre as técnicas que estão agora a ser usadas pelas modernas agências publicitárias e outras entidades empenhadas em alcançar o público. E elas contratam, hoje em dia, psiquiatras, etc., para fazer pesquisa “motivacional” e descobrir uma data de factos patéticos. Bem, a maioria dos seus factos são patéticos devido a não saberem por que razão as pessoas são como são. Não conhecem aquilo que faz as pessoas comportarem-se como se comportam, e esse género de coisas.

Mas se um cientologista ler isso, particularmente um estudante ou graduado de Saint Hill, e particularmente alguém que está a avançar na proximidade de Classe VI, vejam, ele lê isso... ora, simplesmente reinterpreta toda essa coisa. Eles lançaram um fundamento, têm um belo trecho de música; não conseguiram a letra para a música, percebem? Tiveram a ideia maravilhosa de que talvez possam influenciar e afectar as pessoas de uma forma ou de outra, mas não sabem que letra hão-de propor para a melodia. Ainda estão a andar às cegas com a sua análise freudiana e a tentar motivar as pessoas para utilizarem o sabonete com a excitação do complexo de libido aos três anos de idade, vêm? Estão a tentar restimular algo de uma forma ou de outra para vender o seu sabonete. E não têm os botões. Deixem-me pôr isso desta forma, vejam: estão a tocar piano sem teclas. Ainda assim, estão a fazer barulho nele. Não sei como o conseguem, mas de uma maneira ou de outra estão a fazer barulho nele.

Ora, na realidade, essa é uma das actividades mais bem pagas no mundo de hoje, o mundo da publicidade e do marketing. Essa é uma das actividades mais bem pagas no mundo de hoje. E hoje em dia estão a meter enormes quantidades de dinheiro nos bolsos dos psiquiatras, etc., para descobrirem o que faz funcionar as pessoas. Eles não estão, obviamente, a fazer pesquisa básica, realmente básica. Estão ainda a brincar com material de jardim-de-infância, compreendem? Mas aqui esses fulanos estão a tentar alcançar o público, a tentar vender produtos, etc., e voltaram-se para o psiquiatra e psicólogo para que estes lhes dêem as respostas. Bem, voltaram-se para o lado errado; e, como qualquer soldado recruta num pelotão desajeitado, pois bem, provavelmente receberão um coice por isso. Perdem dinheiro nisto de vez em quando; cometem erros.

Mas comecem a reunir tudo isso, se realmente conhecem a mente, e admirar-se-ão então de

que alguém, alguma vez, tenha alguma dificuldade em disseminar.

Bem, este material, é claro... quer dizer, este tipo de uso é uma utilização pouco digna desta informação. Depreciaria os vossos conhecimentos no campo da mente, utilizá-la apenas para vender a alguém uns leitões assados ou coisa assim, vêem? Isso é estúpido, compreendem? É o mesmo que usar um automóvel Mercedes para quebrar nozes. Esta situação, portanto, não vos é recomendada como actividade.

Estou simplesmente a indicar uma actividade menor que está ter lugar no mundo de hoje e que está a absorver uma grande quantidade de dinheiro dos fabricantes, e que tem imenso impacto em todas as revistas. Ligam a televisão, estão a ver pesquisa "motivacional". Abrem uma revista, estão a ver pesquisa "motivacional". Abrem um jornal e lêem os seus anúncios, estão a ver pesquisa "motivacional". Podem observar uma eleição, e compreenderão que esses candidatos nessa eleição actuam segundo a pesquisa "motivacional". Na realidade, Eisenhower ganhou as eleições para a presidência dos Estados Unidos, devido ao trabalho de uma agência publicitária no campo da pesquisa "motivacional"; descobriram que o país estava ansioso por uma imagem paternal. Portanto prepararam-no para dar uma imagem paternal e, é claro, ele foi eleito. Na verdade era uma imagem paternal bastante boa, se os pais não fizessem mais do que ler histórias de cowboys. Porém, conseguiram que esse homem ganhasse as eleições dessa forma.

Bom, é assim que o mundo se move. Agora, se querem saber como viver tranquilamente no meio de uma tremenda confusão, tudo o que têm realmente que saber são as respostas, as respostas básicas; e se souberem as respostas básicas, 90 por cento das vezes essas coisas não vos preocupam, e nos outros 10 por cento das vezes vocês podem fazer alguma coisa acerca do assunto. Estão a seguir-me?

O conhecimento é algo que se adquire através do estudo.

Bom, todo o assunto das palavras é uma armadilha nos esforços de alguém para saber o que se passa, para descobrir em que consiste o mundo. Palavras... é uma linha armadilhada. Significância. O que é isto? Como é que se descobre alguma coisa? Bem, vão descobrir alguma coisa acerca de algo por estes dias, com palavras. A informação vai ser transmitida por meio de palavras, vão descobrir coisas por meio de palavras e essas palavras estão cheias de armadilhas. Elas fazem com que a mente tenha botões para serem premidos.

Bom, a mente está espantosamente preparada com botões para serem premidos, de modo que se estão a ler "O gato era preto" e se sentem estranhos ou se sentem repelidos por esta afirmação "O gato é preto", se não sabem o que estão a fazer, estão simplesmente a rejeitar o assunto de estudar gatos ou de estudar ou adquirir conhecimento acerca de gatos, ou qualquer coisa desse género, compreendem? Por outras palavras, têm uma linha bloqueada, porque leram a frase "O gato é preto", sentem-se estranhos, e por isso dizem: "Não devo estudar gatos", vêem? Na verdade não tem nada a ver com os gatos, mas a palavra *preto*.

Vocês quase sempre alegam que o motivo pelo qual não podem estudar reside na parte errada da frase, ou na parte errada do material de estudo; porque a outra parte é alguma coisa que não se está a confrontar e a pessoa não sente que possa *confrontá-la*, por isso dispersa-se e confronta outra coisa.

Então, esse é o princípio básico que deveriam saber acerca do estudo e do conhecimento: O que, mesmo que estejam simplesmente a olhar para uma árvore para descobrir alguma coisa sobre a árvore, estão a estudar a árvore. Não me interessa quão rápido isto seja; o estudo não é algo que esteja aqui a ser usado com relação a ser muito, muito sério e minucioso e por aí fora. Vocês examinam esta árvore para ver que espécie de árvore é. Bem, nesse breve instante

estudaram a árvore, estão a ver? Por outras palavras, observaram-na para descobrir alguma outra coisa acerca dela.

Ora, podem recolher informação da página impressa. É uma informação obtida por observação de fonte indirecta, mas no entanto é o caminho através do qual viaja quase todo o conhecimento; visto que se vos fosse solicitado, individualmente, para voltarem a desenvolver todo o conhecimento que havia desde o princípio do mundo até agora, fazendo tudo sozinhos, acabariam por ficar estúpidos nesta vida. Não quero ser duro; é a verdade. Se vos fosse solicitado pessoal e individualmente que desenvolvessem, numa vida, todo o conhecimento que havia acerca de algo, conseguiriam dessa forma tão pouco progresso nessa rota, compreendem? isto sem terem alguém que vos transmitisse qualquer coisa, sem terem à mão de semear quaisquer obras ou textos, quaisquer livros de consulta de qualquer tipo, iriam simplesmente ter que fazer tudo sozinhos, calculando e desenvolvendo, etc., e iriam desenvolver todo o conhecimento e não iriam receber nenhuma informação proveniente de qualquer outra observação de fonte indirecta. Por outras palavras, se querem aprender algo sobre vulcões, pois bem, têm que ir à procura de um vulcão. Conseguiriam fazer tão pouco nesse projecto que morreriam estúpidos, posso garantir-vos isso. Ou seriam uns doidos varridos e acreditariam que sabiam tudo quanto havia a saber sobre o único quarto onde passaram toda essa vida. Estão a seguir-me?

Portanto, existe um valor para o conhecimento de fonte indirecta.

Ora, o conhecimento recebido da fonte original, é claro, é adquirido por observação e experiência directas. Mas até mesmo para obter observação e experiência directas é realmente muito melhor dispor dos frutos de outras observações e experiências, dos quais se pode tirar proveito, e só dessa forma poder manter e levar para diante uma cultura de magnitude significativa.

As culturas analfabetas não sobrevivem e não são muito avançadas. Os nativos da tribo do Bugga-Bugga Booga-Boogas, que habitam o Baixo Bugga-Wugga Booga-Woog, na sua maioria já não estão entre nós, ou então andam hoje por aí a agitar bandeiras vermelhas e a revoltar-se contra o seu governo central. Estão a passar um mau bocado. Bem, o soldado britânico que foi até lá com a sua espingarda Snider, ou com a sua Lee-Enfield, e lhes levou uma educação superior para começar, só ocasionalmente foi seguido por alguém que lhes ensinou qualquer coisa. E eles não aprendiam depressa. A sua alfabetização não lhes permitia absorver cultura rapidamente. Por isso, é claro, podem ser vitimados por quem quer que apareça.

Uma vez aberta a linha, se não se segue uma alfabetização e se não há observação de fonte indirecta disponível para um povo, ele fica frustrado, morre, vai-se abaixo, degrada-se. Fica impressionado com este tremendo volume de cultura exterior. Eles eram muito felizes lá em baixo entre as árvores bong-bong, sabem, a dançar de lá para cá entre as árvores bong-bong, e o seu maior nível de interesse etc., era o pátio das traseiras. Podiam dizer-vos tudo acerca das árvores bong-bong, e explicar-vos porque não devíamos penetrar nos bosques de bug-bug porque podíamos pisar uma serpente thump-thump, e isto era a sua observação directa.

No instante em que são atingidos por coisas, especialmente as ideias abstractas da organização, as ideias abstractas de filosofia política, as ideias abstractas da... bem... Engenharia, de facto, coisas desta natureza material em que o conhecimento se move próximo do MEST, compreendem, em que a significância é imediata e directamente aplicável à manipulação da matéria, quando se metem nisso, é claro, a sua cultura falha. Não são capazes de fabricar espingardas Lee-Enfield. Não são capazes de se organizar numa civilização democrática adequada, não importa quantos empréstimos sejam colocados nas garras dos seus políticos gananciosos. Eles podem ser vitimados, podem ser transformados em escravos, e podem ser

degradados.

O que aconteceu? Bem, foram esmagados e presenteados com esta tremenda imagem cultural. Aqui está esta grande e brilhante civilização, estão a ver? Está cheia de automóveis Cadillac e de aviões a jacto e máquinas de barbear eléctricas, todo o tipo de coisas fantásticas, e eles contemplam este mundo material animado; vêem que as pessoas conquistaram o seu meio ambiente ao ponto de poderem viver descansadas, e de poderem fazer várias coisas, e em que uma rapariga, com alguns botões (de premir), pode controlar 125 cavalos como a coisa mais normal que já alguma vez fez na vida. Compreendem? Por outras palavras, ela consegue conduzir um carro.

Muito bem. Todos estes milagres se abatem de repente sobre esses indivíduos analfabetos, vejam, todas essas coisas! Eles não sabem a letra, percebem? Eles vêem a melodia mas não a podem cantar, e assim ficam simplesmente esmagados: *zás!* Eles simplesmente ficam cave-in (derreados), vêem? Eles recuam de imediato.

Alguém que foi treinado em Moscovo também foi treinado nisto: "Os teus confrades lá na terra são bastante incultos, e se carregares neste, naquele e no outro botão eles reagirão e de repente farão cair o governo, e em seguida poderemos apoderar-nos de todo o local e apanhar toda a juta de que precisarmos".

Quer dizer, a natureza ética e espiritual do comunismo é muito interessante, sabem? Têm falta de juta, por isso põem os seus mecanismos políticos em acção para lhes obterem alguma juta. O seu interesse na África do Sul reside simples e totalmente no facto de que necessitam de diamantes e querem ouro. Quer dizer, é muito espiritual. Amam a Humanidade por aquilo que podem obter dela, e a forma como tocam os seus violinos é mais a sangue frio do que alguém alguma vez fez, vêem? Mas baseia-se principalmente no facto de que as pessoas não conhecem a letra.

E olhem para um conjunto completo de vocabulário comunista, olhem para o vocabulário comunista, é um vocabulário muito interessante; é muito manhoso. A sua tecnologia, a sua tecnologia política está trabalhada até à mais subtil distinção que alguma vez ouviram. Caramba, eles sabem como falar a este, sabem como falar àquele, e sabem como discutir com o outro, e sabem reunir isto, e entendem do controle parlamentar de uma pequena reunião. E são ensinados a fazer isto e a fazer aquilo, e sabem como embaralhar a moção para o fundo da pilha de forma a que nunca seja ouvida, e só seja ouvida a moção que querem. Isto é-lhes simplesmente ensinado de forma muito cuidada, vêem? Tecnologia! Tecnologia! Ensinam-lhes a todos isto com palavras. Não estiveram na revolução de 1917. Receberam toda a tecnologia directamente ao ser-lhes ensinada, ao ser-lhes transmitida com palavras, mais ao menos como vos estou a transmitir informações e ideias com palavras. Mas é tudo de fonte indirecta, é tudo por ouvir dizer, e para esses fulanos funciona realmente. Eles estão a conquistar o mundo.

Vejo pessoas nestes governos ocidentais por aí de mãos nos bolsos, etc., sem saberem o que se passa, e é algo como um grande touro forte a ser despedaçado por uma matilha de pequenos cães. E este touro sabe que um pequeno cão não lhe pode fazer nada e por isso procura ignorá-los, tenta continuar, ele tenta fazer isso. E quando menos se espera, ele vai estar caído com a garganta retalhada. Bem, ele não compreende o que é que eles pretendem e sente-se tão superior que acha que não tem de se incomodar em saber. Uma coisa assim, estão a ver? Todo o tipo de atitudes se misturam nisto. Tem um conhecimento deficiente da tecnologia comunista, por conseguinte está a ser derrotado pela tecnologia comunista.

É muito, muito interessante que esta tecnologia seja transmitida oralmente. É ensinada. Não é por observação directa, mas são dados que podem ser postos em observação directa pelos

comunistas treinados, aqui e ali.

O mundo de hoje está a ser esmagado com base no analfabetismo; as pessoas analfabetas do mundo estão a ser esmagadas. É sempre assim, vêm? É o indivíduo que não sabe, são aqueles que não compreendem, são os que não compreendem as coisas completamente que são atirados para o cesto dos papéis. A morte de uma civilização baseia-se nas suas incompreensões e desconhecimentos acumulados, nas suas ignorâncias e fracassos em compreender completamente a situação. Pode também derivar de demasiados "clichés" de tempos idos, tais como: "Bem, os bárbaros vêm sempre pela fronteira norte e regressam a casa na altura das colheitas", estão a ver? E uma vez não voltaram a casa na época das colheitas e foi o fim de Roma, compreendem?

Roma nessa altura era ignorante quanto ao assunto do analfabetismo: os bárbaros. Não se aperceberam de que o seu povo se tinha tornado muito incapaz. Faltava-lhe parte da sua informação, que um povo que deseja ser livre não deve apenas saber sobre os vinhos mais recentes; tem de saber bastante bem no geral sobre quase tudo o que esteja à vista. Tem de estar atento, tem de manter-se vigilante, tem de estar completamente ali e alerta.

O dia que fixa a vossa morte é o dia em que se recostam na cadeira e decidem que sabem tudo quanto há para saber sobre as coisas que existem à vossa volta, e assim já não há razão para observarem seja o que for.

Bom, entre os dois pontos de "a observação não é necessária porque eu sei tudo" e "não é possível a observação porque não conheço nenhuma das palavras", reparem, existe um meio termo que torna a vida possível de ser vivida. Percebem agora quais são estes dois extremos? Um é: "Sei que há tudo para saber, sei tudo quanto há para saber, não preciso de observar nada. Realmente não preciso de experimentar, nem de fazer, nem de olhar para nada, porque sei tudo o que há para saber".. Ora, esse seria o produto final de uma civilização moribunda ou de um indivíduo moribundo. E no outro extremo temos o: "Não conheço nenhuma das palavras, não conheço nada, não compreendo nada do que se passa à minha volta" etc., e esse é um caminho muito rápido para a morte, falecimento e decadência, vêm?

Por conseguinte, o que há a fazer é conhecer as palavras e estar atento. Esse é o mote que se extrai disto. E descobrirão que há sempre uma tecnologia nova a ser cozinhada algures. Bem, sejam suficientemente curiosos para tentarem saber acerca dela. Mantenham-se atentos, nunca fiquem complacentes em relação ao que sabem, e continuarão a sobreviver muito bem.

Ora, isto é particularmente verdadeiro em relação a alguém que se eleva a um ponto de destaque, alguém que sobe a um ponto em que é superior ao indivíduo comum ou mais típico na sua proximidade; ele tem tendência a ficar muito complacente consigo mesmo. Um indivíduo vive na proximidade dos nativos de Ugga-Bugga, e sabe ler, e eles não sabem. Bem, ele sente-se muito superior, de modo que na realidade nem se preocupa em ler. Estão a compreender? Ora, se a Cientologia corre algum perigo, é o perigo de tornar-se inútil ou ineficaz porque já não acreditam que tenham de observar, que tenham de aplicar, já não têm de estar atentos.

Ora, vocês querem saber qual é a diferença entre o indivíduo bem sucedido e o indivíduo mal sucedido: apenas que um pode compreender e executar e o outro não compreende nem... existem duas formas de não compreender, tal como acabei de vos explicar. Uma é supor que já sabem tudo sobre o assunto e portanto não têm de observar, e esse é um método de não compreender; e o outro é apenas não conhecer as palavras, vêm? Esses dois extremos estão aí. Portanto, o indivíduo não compreende; por outras palavras, ele não compreende e por isso desiste de tentar; ou compreende tudo o que existe, pensa ele, e por isso não se preocupa em observar. Ora, essas duas acções combinam-se num indivíduo que... (qualquer uma delas) que vai fracassar. Este indivíduo vai ficar de rastos.

Ora, quem é que não irá ficar de rastros, então? Bem, é alguém que seja capaz de observar e compreender e executar, uma pessoa capaz de observar e compreender e executar.

Bem, considerando o facto de que a maior parte das observações são realmente observações de fontes indirectas, compreendam que essa observação é perfeitamente válida quando conjugada com compreensão. Mas isso está particular e peculiarmente sujeito a ter que ser compreendido. Ora, *quanto menos directa é a observação*, então, maior tem que ser a compreensão. Por outras palavras, a vossa compreensão tem de aumentar à medida que não estão a observar directamente. A compreensão tem de aumentar à medida que a observação é indirecta. Se a observação que fazem a uma árvore é indirecta, seria melhor compreenderem extraordinariamente bem aquilo que diz respeito a essa árvore. De facto, por estranho que pareça, muito melhor do que se estivessem aí a contemplá-la.

Bem, a compreensão é, então, um substituto da massa, e vocês têm a resposta à compreensão no ARC. Compreensão resume-se a ARC. No estudo, a compreensão é um substituto da massa. Agora vamos recapitular isso: se não têm uma árvore para observar e vos estão *a falar* de uma árvore, então seria muito melhor compreenderem bem o que vos estão a dizer, de outra forma irão observar a árvore incorrectamente. Ora, se não compreendem aquilo que vos estão a dizer acerca da árvore, ou não compreendem como é que a informação acerca da árvore vos está a ser transmitida, acabarão por não compreender a árvore e essa massa ter-vos-á sido negada porque a informação foi recebida por uma via. Estão a compreender isto?

Isto que vos estou a dar aqui é material muito complexo, mas é bastante útil. Se não têm uma árvore para a qual olhar, é melhor que... se estão a tentar estudar árvores numa segunda transmissão, então é melhor que compreendam muito bem essa segunda transmissão.

Ora bem, há duas coisas a compreender no que respeita àquilo que estão a dizer-vos, ou àquilo que estão a ler, ou como quer que seja a vossa observação de fonte indirecta. Vejam, a observação de fonte indirecta também pode ser depois do acontecimento, devido ao tempo, compreendem isso? Vocês dizem: "Deve ter havido aqui uma árvore porque ainda está aqui um cepo", sabem? "E vai existir uma árvore aqui porque aqui há um rebento". Estão a compreender isto? Que a vossa compreensão também pode avançar e recuar no tempo, e pode ser directa ou indirecta em termos de visão? Portanto a compreensão pode ser directa ou indirecta em termos de visão. Podem estar ali a olhar para a árvore, ou pode alguém estar a falar-vos da árvore. Por isso há na verdade várias e diferentes compreensões, todas elas num pacote.

Bem, não é nosso propósito neste momento examinar quantos tipos e classes de compreensão existem, mas estou apenas a avisá-los deste facto no que respeita ao estudo, e este é o único ponto que estou realmente a tentar que compreendam. Os outros são apenas adornos ou bolo com ornamentos. E interessante, todo o assunto é muito interessante, mas trata-se disto: Se não estão a observar uma coisa directamente, se estão a ler algo sobre árvores, perceberam?... não estão a observá-la directamente, então a vossa compreensão tem de ser superior à compreensão que seria requerida numa observação directa. Têm de compreender isso melhor, de outro modo vocês vão acabar por perder para vocês mesmos, uma árvore.

Ora bem, isto é muito interessante porque as dificuldades da informação de fonte indirecta são inumeráveis. Têm quatro homens a tentar descrever um elefante, quatro homens com os olhos vendados que apalparam o elefante todo e estão a tentar descrever este elefante, ou lá o que quer que fosse esse velho provérbio, estão a ver? E os sábios que vos dão toda a informação acerca do que é um elefante... sabem? e eles não observaram o elefante porque estavam com os olhos vendados e apresentaram as dissertações mais estranhas sobre o que era este elefante. Por isso agora, devemos compreender que parte da nossa compreensão quando estamos envolvidos na

observação de fonte indirecta, o que é o mesmo que dizer, quando estudamos por uma via ou coisa assim, quando estamos envolvidos nisto, então a nossa compreensão deve incluir uma avaliação da fidedignidade das informações que estamos a receber. Estão a compreender isto? A nossa compreensão deve incluir a compreensão de se isto é bom material ou mau material, se isto são dados correctos ou dados distorcidos. Por outras palavras, temos que ser capazes de avaliar a veracidade da observação *transmitida*. A compreensão deve, pois, incluir isso.

E é aí que a maioria dos seres sencientes (não direi apenas os homens, porque existem outros seres sencientes) fracassam, e é aí que ficam virados do avesso e é aí que passam um mau bocado.

Vou dar-vos um exemplo maravilhoso: actualmente, existem pessoas a andar por todo o lado, etc., etc., e pensam que tudo no campo da mente tem sido tratado. "Reparem, quando uma criancinha tinha três anos de idade, bem, excitou-se em relação a uma coisa qualquer, ficou doente, e é por isso que está hoje no manicómio; e os médicos sabem tudo acerca disto, e toda a gente entende disso, etc., e - *sim, sim, sim*, o problema está a ser tratado". Bom, estamos neste estado da civilização em que eles não só dizem: "nós sabemos", como ainda dizem: "alguém mais sabe e nós não precisamos de saber". Ena, ena, o que é isto? Que espécie de apatia é esta? "Já nem sequer precisamos de saber. Está bem que em algum lugar alguém mais saiba, que existam em algum lugar algumas autoridades neste assunto".

Cito Eisenhower. Ele dependia sempre de que houvesse uma autoridade. A melhor fonte de informação era sempre uma autoridade no assunto e ele nunca fazia coisa alguma sem consultar uma autoridade, e com isto vinha o facto de que não tinha que saber coisa alguma acerca de nada.

Nem sequer existia um corpo de transmissões para o manter informado em momentos de crise nacional ou qualquer outra coisa, quando ele estava fora a jogar o golfe ou qualquer coisa. Nunca houve, vez alguma, linhas de informação que passassem por este homem. Ele obtinha a sua política nacional do *Newsweek*. É verdade! Tinha chegado a um ponto em que o especialista era um jornalista. Bom, admito que os jornalistas sejam bastante bons, e que todos eles pensem que se dependesse deles eles endireitavam tudo num instante; mas parece bastante interessante ter a política dos jornalistas como sendo a política dominante de uma nação. Eles podiam na verdade estar a tentar vender sabonete, estão a ver? Podia entrar aqui a pesquisa "motivacional", compreendem? Vocês não poderiam confiar realmente nesse bocado de informação.

Por isso parte da vossa compreensão é que vocês têm de compreender a falsidade ou correcção das fontes dos vossos dados ou daquilo que estão a tentar compreender.

Logo, como parte do estudo temos a compreensão da fidelidade da vossa fonte de informação, e vocês têm de ter alguma ideia disso. E isso é, em si, uma linha experimental. Vocês dizem: "bem, este indivíduo conta-me o que pensa ser verdadeiro, e se já não acredita que é verdadeiro ou descobre que outra coisa é que é verdadeira, pois bem, dir-me-á". Uma coisa assim.

Vocês dizem: "está bem. Bom, é aquela fonte de informação, e essa é uma boa fonte de informação. Há esta outra fonte de informação que, quando me conta alguma coisa, bem, está absoluta e detestavelmente convencida de que tem de ma fazer engolir, nalguma área particular. A informação pode estar certa e pode estar errada, mas ela continuará a contar-ma apenas porque tem de ter razão". Uma coisa assim, estão a ver?

Por exemplo, acabo de ler três manuais... três manuais escritos por um professor da Universidade de Colúmbia que nunca teve um filme a cores nas mãos durante toda a vida, estou certo disso, e que escreveu sobre fotografia a cores. Tive que os estudar e tive que saber bem do meu ofício. Ia ser examinado nisto. Tirei mais fotos com películas a cores do que este fulano poderia alguma vez imaginar. Mas este era um caso em que tinha de estudar alguma coisa para



obter uma boa classificação. Compreendi isso; vejam, compreendi o facto de que tinha de estudar isto para obter uma boa classificação. Percebem a subtilidade, então, do estudo que se seguiu.

Além disso, começou a ser claro que esse indivíduo adorava exhibir-se. Adorava exhibir-se. Introduzia uma palavra cara de natureza técnica, que não vinha em dicionário algum, no meio de uma frase onde ela não tinha que estar. Oh! Meus caros, se isto não vos deita abaixo! Ora, mesmo no meio dessa frase têm a expressão *acopladores de cor*. Cito o que ele diz: "vamos agora introduzir um novo termo, *acopladores de cor*, que explicarei mais tarde". E nunca o explicou. Vocês procuram num dicionário de fotografia. O que é isto, acopladores de cores? E não conseguem encontrá-lo. Não vem lá. Procuram por todo o lado e não conseguem encontrá-lo. O que é que se supõe que façam? Deitem-se e morrer nesse momento? Não, a vossa compreensão tem que abranger o facto de que o imbecil não sabia do que estava a falar, se ninguém pode defini-lo. Bem, talvez algures alguém o vá definir; mas isso inclui *não terem de saber o que é aquilo para continuar*.

Ora bem, isso também é uma coisa muito interessante de fazer, porque passam por um destes pontos de compreensão e sabem que vão ter problemas; porém, parte do estudo é conhecer a tecnologia de estudo e saber que se começam a ter dores de cabeça na próxima meia página é porque não compreenderam aquela palavra. Estão a entender?

Por outras palavras, a vossa compreensão da compreensão pode tornar-se realmente muito subtil. Podem tornar-se muito, muito astutos. Estão a ler acerca de obras de Engenharia dos antigos egípcios, as quais foram escritas por um engenheiro contemporâneo que é também conferencista no Instituto de Tecnologia do Massachusetts e que deveria ter sido reprovado em inglês. Ele não sabe escrever; talvez consiga construir pontes, mas não sabe escrever. (E se está a ensinar no MIT, provavelmente também não consegue construir pontes.) Mas seja como for, ali está ele, e vocês querem aprender alguma coisa sobre a construção de pontes dos antigos egípcios, vejam, e a coisa está salpicada com palavras que têm a ver com forças e esforços de diversas espécies, e com torção... *huhhh!* E então quando ele quer ser realmente claro, repentinamente dá-vos quatro parágrafos de ininterrupto cálculo integral, sem vos dizer a que se referem quaisquer das letras que está a usar no cálculo integral.

Tenho um livro sobre reprodução a cores lá em cima, escrito por um inglês qualquer que fez isto. É maravilhoso! Tem equações simultâneas, vejam só, em Cálculo, e isto é suposto explicar algo. E claro, o que eu fiz foi não me preocupar com o facto de não o perceber, simplesmente ri-me na cara dele através do seu compêndio. Por outras palavras, não estava tão *obcecado* com a frase que não pudesse saltá-la, e estava suficientemente informado em relação ao assunto do estudo que sabia que, se me deparasse com o risco de tê-la saltado, sabia qual era o risco, vejam, portanto podia voltar atrás e clarificá-la se se atravessasse no meu caminho. Por outras palavras, poderia caminhar, ileso, pelo meio desta série de baionetas. Compreendem?

Bem, vocês poderiam tornar-se hábeis a este ponto no estudo. Vêem? Muito bem. Bom, de facto é como ir para o liceu antes de ir para o infantário, na verdade, quanto ao assunto do estudo, só estou a mostrar-vos até onde isto pode ir. Podem tornar-se suficientemente hábeis para ler uma dissertação de um conferencista do MIT, com uma gama completa de termos de Engenharia, acerca das pontes dos antigos egípcios, sem realmente procurarem um único detestável dos seus malditos termos técnicos, e sobreviver mesmo até ao fim da dissertação e... quem diria? aprender alguma coisa acerca de pontes! Então vocês serão hábeis.

As edições mais recentes da *Enciclopédia Britânica* impõem isto como uma bela arte, porque tudo quanto estão a fazer é exhibir-se para os profissionais. Foram tão criticadas pelos arquitectos paisagistas devido aos seus artigos sobre arquitectura paisagística que agora

escreveram um artigo para profissionais sobre arquitectura paisagística. Ninguém consegue compreendê-lo senão os arquitectos paisagistas. Bem, o arquitecto paisagista nunca vai clarificá-lo na *Enciclopédia Britânica*. E o mesmo se aplica a quase todas as suas dissertações muito profissionais. Mudaram de estilo.

O estilo moderno é tornar incompreensível e dizer: "alguém mais sabe daquilo", e depois tentar impressionar e deixar tudo com partes omissas e depois, sabem, dizer: "bem, se não é um especialista não é nada, e há por aí especialistas, portanto nós somos todos completamente..". É tudo uma espécie de *embrulhada*, decadência é o que estão realmente a ver.

Eu utilizo uma velha edição de 1890. Uma pessoa lê um artigo acerca de Arquitectura Paisagística na velha edição de 1890, e do próprio artigo se sabia que tinha sido escrito para algum idiota que não conhecia a sua nomenclatura, estão a ver? Pode-se descobrir o que se quer saber, mas nas edições posteriores não. Em breve essa edição de 1890 ficará tão desactualizada que, bem, já não servirá para nada, e então não me restará nenhuma enciclopédia, vêem?

Nessa altura terei de fazer algo de forma desesperada, substituí-la por... não sei, substituí-la por uma grande biblioteca cheia de coisas. Ah, ah, sim! Já sei. O Quentin (filho de LRH) está a adquirir toda uma quantidade de compêndios e eu vou continuar a reuni-los. Acabo de resolver o problema. Ele está a adquirir todo o tipo de compêndios: *O Livro de Electrónica para Jovens*, sabem? O Livro para Jovens disto ou daquilo. E vocês abrem uma dessas coisas e na verdade é "O Cálculo Integral Simplificado para Crianças de 6 Anos", sabem? Na realidade eles estão bem acima do seu nível. Não sei como alguém faz isso, mas ele dá-se bem com estas coisas. É de loucos! Sim, actualmente têm uma inclinação para considerar certo simplificar essas coisas para que as crianças possam compreendê-las, portanto posso reunir uma biblioteca infantil e estarei servido. É isso o que farei. Talvez as crianças não sejam capazes de compreender isso, mas eu serei capaz.

Seja como for, as fontes de informação contribuem, portanto, todas para a compreensibilidade; e as palavras constituem os alicerces de qualquer área profissional ou técnica. As palavras especializadas usam-se para as observações especializadas. E passamos para o campo das observações especializadas, como especialistas, o que é perfeitamente correcto. Mas quando vocês estão a tentar obter alguma informação dalgum campo de uma forma ligeira, só para uma compreensão momentânea e colidem com um vocabulário de especialista, perdem-se imediatamente.

Ora, isto dá-vos uma ideia imediata do estudante de Cientologia que é muito pouco sério. Uma das primeiras coisas que ele faz é queixar-se da nomenclatura. Bem, francamente, nós temos menos nomenclatura do que aquela a que temos direito como campo especializado. Porque ninguém compreendia coisa alguma acerca da mente, como é que podíamos ter um vocabulário em relação a ela? E não tínhamos nenhum vocabulário em relação a ela, e se nós usássemos o seu vocabulário miserável teríamos compreendido tudo mal, porque essas palavras significavam outras coisas.

E então este tipo está por aí e começa a queixar-se do nosso vocabulário. Ora, sabemos imediatamente que ele não é um estudante de Cientologia autêntico. Essa é a primeira coisa que sabemos acerca desta pessoa: não é um estudante de Cientologia autêntico. Ele é um diletante, quer ficar à margem do assunto e apanhar aqui e ali algumas sobras. Reconhecem agora o bruto? Ele quer algumas sobras. Realmente não a quer, porque tem de trabalhar duramente na nomenclatura, porque a nomenclatura transporta com ela uma compreensão especializada. E a não ser que tenham essa compreensão especializada nunca obterão a tecnologia.

Ora bem, há uma diferença entre saber algo sobre alguma coisa e ser um profissional. Há

uma enorme diferença. E hoje há muitos indivíduos por aí que fingem saber muito acerca de alguma coisa, os quais, de forma bastante estranha, não estão nem sequer vagamente educados nesse campo específico, etc. Mas é uma espécie de "moda" ser uma espécie de diletante. É a tendência moderna.

Por exemplo, o que é um médico senão um diletante no campo da mente? É assim mesmo! Ele é completamente superficial. Que descaramento o deles! Seis horas de conferências é o que recebem aqui num hospital da margem do Tamisa, como já mencionei anteriormente, e esta é toda a sua educação no campo da mente. Mas porque têm um diploma de médico de clínica geral isso dá-lhes carta branca no campo da mente. Parece disparatado, mas é verdade. É assim. Portanto, a sociedade em geral não se importa... ficou tão dispersa que não se importa de chamar a alguém uma autoridade num assunto do qual não sabe absolutamente nada. Porque essa é a autoridade no campo da mente: foi ensinado durante seis horas.

A propósito, este é o seu segredo envergonhado. Foi por isso que eles fizeram o diabo a quatro a nosso respeito durante tantos anos relativamente a quão bem nos treinamos, etc., e nós na verdade... numa semana qualquer um estudante da Academia, em qualquer parte do mundo, estava a aprender mais acerca da mente, nessa semana, e de acordo com o número de horas dedicadas a isso, do que um médico em toda a sua carreira. Numa semana!

Ora esta, o descaramento desses patetas a tentar dizer-nos que não estávamos treinados no campo da mente etc. Não, não, nós estamos treinados no campo da mente. Somos praticamente as únicas pessoas treinadas neste campo. Ora bem, há outros campos em que estão treinados no campo da carne, ou dos neurónios, ou coisa parecida, como na Psicologia ou cirurgia cerebral ou coisa assim. Mas eles estão treinados no campo da carne, não estão treinados no campo da mente. Contudo, concedo-lhes isso, são especialistas da carne. Muito bem. Alguém apanha uma bala na cabeça, etc., e eles provavelmente poderão fazer algo acerca disso. Bom, está bem. Mas, no entanto, não vamos fingir, lá porque sabemos extrair uma bala do crânio de alguém, que já conhecemos a mente. Porque em primeiro lugar a bala não penetrou na mente da pessoa, entrou no seu crânio. Pois, reparem, havia esta ligeira diferença na nomenclatura.

Agora, o que estou a tentar tornar claro para vocês aqui é que há vários graus pelos quais um assunto pode ser abordado. Podem abordá-lo como um diletante: "oh, bem, sei tudo sobre pintura, sim. Sim, fiz um curso de apreciação de arte no secundário, num semestre inteiro, e o professor levantava-se e mostrava-nos peças de litografia sobre um pedaço de cartão, e aprendi tanto que conseguia reconhecer Rembrandt quase sempre. Tornei-me muito hábil em apreciação de arte, por isso sei muito de arte". Bem, isso deve ter consistido em quê? Uma ou duas ou três horas por semana, durante talvez, não sei... o que é um semestre? Dezasseis semanas, uma coisa assim? O que perfaz um total de... ele olhou para pinturas durante 50 ou 60 horas, e agora é um especialista em arte. Bom, é claro, isso é melhor do que alguém na rua que nunca ouviu falar deles. Não é muito, mas é melhor. Mas dá a alguém a interessante ideia de que ele agora sabe alguma coisa acerca disso, quando não sabe patavina. Dá-lhe uma atitude curiosa e muito *perigosa* para os seus conhecimentos futuros. Dá-lhe uma falsa compreensão. Ele agora pensa que sabe alguma coisa acerca disso. Agora conhece a nomenclatura da pintura. Ele não sabe nada sobre arte, nunca lhe ensinaram coisa alguma sobre arte. A nomenclatura da pintura era o que ele saberia.

Realmente não é a quantidade de tempo que lhe dedicam que vos dá isso, embora eu estivesse a mencionar o tempo. É mais a seriedade com que se aborda a coisa. Quanto querem saber sobre isso? Querem saber o suficiente para poderem falar disso, como seria muito comum numa debutante da Park Avenue, estão a ver? Ela poderia discutir sobre arte... que esperta! Na

sua festa de debutante se alguém dissesse por acaso: "você parece uma Madona", pois bem, ela saberia que não estavam necessariamente a falar de religião, estão a ver? Vêem, arte, vêem?

Muito bem, agora avancemos um pouco mais no campo da arte. Ora bem, quão seriamente desejam eles abordar este assunto? Desejam compreender alguma coisa sobre este assunto de modo a não parecerem estúpidos, ou desejam compreendê-lo o suficiente para *fazerem* alguma coisa com isso? Querem saber usar a arte para decorar uma casa? Ou seja, como é que escolhem e combinam e penduram os quadros, e, o que é que fazem com estes quadros, sabem?

Poderíamos prosseguir, não necessariamente nessa mesma direcção, mas por outro caminho: um fulano quer ter conhecimentos acerca de arte por causa da ameaça de subida da inflação mundial, vêem? A ameaça de subida da inflação. Podem comprar terra, que não é precisamente um bem móvel, e podem comprar ouro, se lhe conseguirem deitar a mão e não forem um cidadão americano, e isso aumentará de valor à medida que o dinheiro da comunidade inflaciona. Ou podem comprar objectos de arte. E a arte, actualmente, é um grande negócio entre pessoas que nada sabem acerca dela como actividade artística, excepto como investimento financeiro. E ficariam surpreendidos com a extensão deste negócio. Bem, ele quer saber o suficiente sobre arte para saber se os peritos o estão ou não a aldrabar? É até aí que esse fulano desejaria chegar, vêem? Teria de saber o suficiente sobre arte para conhecer quem sabia de arte, para que não o possam vigiarizar no campo da arte. De outra forma ele ficaria na penúria, estão a ver?

Ou querem saber o suficiente sobre arte para entrarem neste campo e talvez ensinarem às pessoas a apreciação de arte? Vamos um pouco mais longe; teríamos de saber um pouco mais acerca da arte, não teríamos? Agora estamos a alcançar os níveis de instrução de grau inferior. Ou queremos saber o suficiente de arte para talvez, se fossemos muito bons, nos podermos sentar com um pedaço de carvão e uma folha de papel e desenhar um vaso com um narciso? Agora podemos dizer que voltámos novamente ao princípio, porque qualquer criança no infantário está a tentar desenhar um vaso com um narciso. Estamos de regresso à área da doingness.

Chamo a vossa atenção para o facto de que essa criancinha no infantário quase nunca tem êxito. E encantadoramente maravilhoso o que surge e que é suposto ser um vaso etc., mas eles têm aquilo a que se designa por "talento artístico", ou têm isto ou aquilo, e nada é mais facilmente destruído, porque não é baseado em conhecimento ou compreensão. Esta faculdade vai abandoná-lo. Vai esgueirar-se pelos seus dedos se por acaso ele desenhar alguma coisa; é muito fácil fazê-lo tropeçar. Um thetan é por natureza muito criativo, mas na realidade está a manejar certos materiais acerca dos quais não sabe muito.

Agora, voltam novamente a isto e vocês pegam num bocado de carvão preto, vocês pegam numa folha de papel branco, e vocês sentam-se para desenhar um vaso. E a vossa educação começa agora. Sabem que se mudam a posição da vossa folha e a posição da vossa cabeça enquanto estão a fazer isso, mudarão a proporção do vaso. Ora bem, isso exige algum conhecimento, não é? Por outras palavras, se olham para um vaso de perto e em seguida desenharam-no durante algum tempo, estarão a desenhar, digamos, um gargalo grande, e depois recostam-se para descontrair e desenharam o fundo e agora têm um fundo pequeno; gargalo grande e fundo pequeno, e não parece estar bem. Mas a vocês parecia-vos estar bem. Bem, a vossa educação no assunto da arte começou neste ponto: vocês mantêm a cabeça quieta! "Isso de certo modo tem a ver com o ponto de onde observo, e a distância até onde observo, tem algo a ver com o que estou a desenhar aqui nesta folha de papel". Sim, muito bem. Agora estão a dirigir-se para o longo percurso da aprendizagem e, na realidade, nesse momento vocês iniciaram o caminho para se tornarem profissionais. Ora, mesmo que o tenham feito para se divertirem, ainda assim estariam no caminho para se tornarem profissionais.

Qual é a coisa seguinte que é provável aprenderem sobre o assunto? Bem, provavelmente vão aprender que é muito fácil, se desenharem na proporção de um para um; mas se tentarem fazer a redução ou o aumento de tamanho, isto é, se desenharem em tamanho proporcional, se desenharem o vaso na vossa folha de papel com a mesma proporção do vaso que vêm sobre a mesa, isto é fácil como o diabo. Mas como é que se faz a coisa na proporção de um para um? Bem, vocês não devem alterar a relação do papel ou bloco com a mesa. É tão simples como isto, vêm?

Ora bem, a maioria das pessoas não consegue desenhar naturezas mortas por razões técnicas muito interessantes: elas estão a tentar fazer uma redução. Estão a tentar desenhar um vaso grande enquanto olham para um pequeno, ou desenhar um vaso pequeno enquanto olham para um grande; e quando mudam de um para o outro, giram o globo ocular do vaso grande para o vaso desenhado; não obtêm a proporção de um para um. Reparem, elas olham para o vaso grande e tentam desenhar um vaso pequeno, e obviamente não conseguem obter a proporção porque o tamanho já é errado e isto derruba-as. Não conhecem a rota de saída fácil. Elas não sabem que: "Meu Deus! Isso requer todos os tipos de acções mecânicas e matemáticas incríveis... para observar um vaso grande e a partir deste fazer um pequeno vaso em miniatura. Oh, meus caros!" Agora estão a dar em doidos, vêm? Ah, é muito fácil. Colocam um vaso ali, põem o papel aqui, e põem-no de forma a que o papel pareça agora ter dimensões idênticas às do vaso, e pegam no carvão e desenharam as linhas do vaso que estão a ver ali do mesmo tamanho com que o vêm aqui, mantêm a vossa cabeça onde ela deve estar, e mantêm o bloco onde ele deve estar, e mantêm o vaso onde ele deve estar, e vão fazendo *zigue-zague-zigue-zague*, dão alguns retoques, *zigue-zague*. E se não estão a tremer com paralisia, acabarão por ter um bonito esboço de um vaso.

Estou apenas a mostrar-vos que existem estas pequenas peças de tecnologia, compreendem? Bem, agora estão na rota para serem profissionais. Poder-se-ia, pois, dizer, que o estudo que resulta apenas em compreensão não é desprovido de valor, e constitui uma boa parte do padrão cultural que uma sociedade possui. Estudo sem actividade... deixem-me apresentá-lo desta maneira. Vocês não tencionam fazer coisa alguma com isso, não vão fazer coisa alguma com isso, é apenas engraçado, é interessante, isso não é agradável? Uma *tremenda* quantidade da cultura em que vocês vivem é compreendida nesta medida, e é agradável saber estas coisas. Vocês têm de saber muitas daquelas coisas. Por exemplo, não têm de saber *preparar ou executar* as acções de montagem de um automóvel para terem conhecimentos acerca de automóveis, vêm? Mas é muito melhor que saibam alguma coisa sobre a actividade de reparação de automóveis antes de começarem a pagar a alguém para os reparar.

Por outras palavras, estão no ponto de doingness regulada, estão a perceber? A compreensão que têm disso é suficiente para que não sejam vigarizados ao comprar uma "Mona Lisa" porque o João acabou de comprá-la ontem, percebem?

Ora, a vossa compreensão pode, então, na generalidade da vida, abranger *um grande* número de coisas que não tencionam fazer. Não há nada de mal nisso. Mas não façam disso um hábito, percebem? Não façam disso um hábito. Se estão a seguir certa actividade, sigam essa actividade, percebem? Não deixem alguém entrar no vosso PE, etc., ficar a circundar as suas margens. Descobrirão que eles farão reuniões e falarão interminavelmente de Cientologia, vêm? Não conseguiriam definir um engrama mesmo que lhes apontassem uma pistola, mas falarão interminavelmente de Cientologia, vêm? Na realidade, há grupos por toda a parte que não fazem pratica... que não fazem outra coisa. Nunca auditam, nunca empreendem uma acção seja de que tipo for. O seu domínio do assunto está simplesmente ao nível de passatempo. Ora, isso está muitíssimo bem, muitíssimo bem, mas não os deixem no estado de acreditar que agora sabem do assunto.

Isso seria a coisa cruel a fazer-lhes. Não sabem e ficam confusos até ao ponto em que, agora, pensam que se fizerem esta e aquela coisa, tal e tal coisa, pois então isso de uma forma ou de outra irá pô-los bem, e portanto sabem tudo sobre o assunto.

Ora, é nesse ponto que a educação de uma pessoa começa a falhar, porque estas pessoas caíram em que armadilha? É apenas aquela tal armadilha: "elas sabem tudo sobre o assunto, vejam, portanto a vida pode continuar". Bem, eles *não* sabem tudo sobre o assunto. Não têm o nível de compreensão que vocês têm dele. Meu Deus! Vocês têm estado a queimar as pestanas nisso, e a atirar-se de cabeça a isso e a aprofundá-lo, e a conseguir compreendê-lo, etc., e sabem quanto é que há a saber, meus caros! E este indivíduo está a dizer: "Bem, eu..." e por aí fora.

Bem, se seguissem completamente uma das suas lógicas, ficariam fascinados. Se seguissem completamente alguns dos seus raciocínios, algumas das suas afirmações e algumas das suas doingnesses quanto a este assunto, se ele *fizesse* alguma coisa em relação ao assunto, por vezes vocês praticamente morreriam de riso, porque está tão longe daquilo que poderiam imaginar que fosse a interpretação de alguém sobre o assunto. É precisamente uma proposição perdida, desesperada.

Alguém dirá: "bem, acalmei o cão, e estive a aplicar processamento de Cientologia etc., sabem? Bati-lhe". Como é que chegamos até aí, vêem? É tão patético como isso. Porém deixar essa pessoa continuar a acreditar que agora sabe tudo sobre o assunto e que por isso não tem de o abordar directa e seriamente para alcançar qualquer nível de doingness nele, seria uma coisa muito, muito cruel que fariam a essa pessoa, porque ela não obteria mais do que fracassos. Aqui está este vasto assunto que, se a pessoa o fizesse de todo, correctamente, lhe daria resultados e ela poderia ir a qualquer lado e fazer qualquer coisa com isso, vêem? Mas deixá-la ali sentada e pensar que sabe tudo sobre o assunto quando não sabe nada, é claro que é deixá-la cair nesta outra categoria.

Além disso, colocá-la na posição em que ela pensa que não pode aprender nada acerca do assunto, por este ser tão vasto e tão difícil, também é igualmente cruel, porque criaram artificialmente as duas razões para a morte do indivíduo ou da civilização. Puseram-no num estado de "ela não só é analfabeta como continuará a ser analfabeta". "Bem, é claro que só um especialista poderia saber isso", etc. E "Não vejo porque perguntam a definição de uma palavra como essa, porque realmente não se aplica ao que estão a fazer, seja de que maneira for. Isto é tudo bastante difícil, sabem?"

Nunca sigo uma abordagem dessas. Um indivíduo... se um indivíduo vem ter comigo e me faz, de forma hostil, uma pergunta acerca de uma ou outra coisa, não posso garantir a resposta que obterá. Tudo depende de como eu me sentir nesse preciso momento. Se eu me sentir travesso em relação a isso, é provável que ele saia com uma dor de cabeça. Mas se alguém me fizesse uma pergunta, se eles realmente querem saber alguma coisa, é claro, vocês conhecem-me, informá-los-ia, zás, num ápice, o melhor que pudesse. Mesmo que não tivesse a mínima esperança de que eles realmente compreendessem aquilo de que eu lhes estava a falar, mesmo assim dar-lhes-ia qualquer coisa que pudesse dizer-lhes e que eu tivesse esperança de que os ajudaria a ter conhecimento ou compreensão do assunto. Desta forma faço sempre alguma coisa por eles. E habitualmente, se alguém pede apenas informação, pois bem, deixo-os ir sem mais nada; mas se estão a pedir ajuda e por aí fora, dou-lhes sempre alguma coisa que fazer... não só lhes dou alguma informação, ou uma compreensão clara sobre o assunto, se me é possível, mas também lhes dou alguma coisa que fazer, sabem? E vocês ficariam surpreendidos com quão funcional é este tipo de abordagem. É claro, se vos perguntam alguma coisa de forma hostil ou são desagradáveis, uma coisa assim, pois bem, simplesmente puxem o tapete, percebem? Não me importo com o que façam com eles. Ninguém vos exige que sejam educados. Não comprometam as vossas próprias linhas de comunicação.

As únicas vezes em que fico embaraçado, ou que alguém fica embaraçado, é quando essa pessoa me está a fazer uma pergunta idiota que soa como uma pergunta hostil, mas de facto é bem intencionada e estava a fazê-la bastante a sério; e depois encontram-se imediatamente na posição de terem sido muito desagradáveis e muito mal-educados, reparem, quando ela não tinha essa intenção. Por vezes podem confundir isto. E muito fácil de acontecer.

Porém, a doingness requer naturalmente muito, muito, muito mais compreensão do que a simples condição de olhar (lookingness). A doingness requer uma grande quantidade de compreensão adicional, e quando se vai pôr em prática o assunto os vossos primeiros resultados são por vezes muito decepcionantes, muito decepcionantes. A vossa compreensão não chegava para igualar a doingness que estavam a executar, vejam, etc. E o que deveriam aprender com isso é que deveriam compreender mais do assunto de modo a executá-lo, estão a ver? Essa é a lição que deveriam aprender; e a lição que *não* deveriam tirar disso é "É mesmo difícil demais".

Mas em algumas áreas de actividade há outra lição que poderiam aprender, que é a lição de que "nunca funcionaram afinal de contas". Por estranho que pareça, não creio que se possa aplicar, a não ser nos níveis superiores de super-educação. Nos níveis superiores de super-educação têm uma quantidade de coisas que não funcionam, mas que simplesmente são esperanças, sabem, coisas que estão a meter nessa actividade. Nunca se pretendeu que funcionasse; não levam a nenhum resultado final. Quer dizer, isto soa muito estranho, mas é verdade. É como fazer as equações sobre hélices de aviões, ou chicotes para charretes (estão hoje mais ou menos na mesma categoria, aviões a hélice e chicotes para charretes) com cálculo integral, e desenhar laboriosamente todos os contornos e curvas das lâminas de uma hélice de aviões, ou as curvas do chicote para charretes, com cálculo integral. Porque razão é que fariam uma coisa tão estúpida? Por que razão, por exemplo, aprender as enormes complicações de alguma actividade muito esotérica, numa base de doingness, que já não se usa há três séculos, simplesmente para fazê-lo?

Bem, às vezes não funciona em absoluto. Às vezes nunca ninguém conseguiu fazer isso. Isso também deve fazer parte dos vossos cálculos, quando chegam a esse nível da coisa. Talvez ninguém o tenha nunca conseguido, vêem? Talvez seja demasiado difícil. Talvez não seja demasiado difícil, talvez simplesmente não seja, compreendem? Talvez não exista o cálculo integral de curvas para um chicote de charrete, sabem? Poderiam ir tão longe, e chegar a essa estupidez, percebem?

Este tipo de coisas faz parte da vossa compreensão acerca do tema do estudo. Onde é que vão com este estudo? Mas se vocês vão levar adiante um desenvolvimento do assunto numa base de doingness, deveriam avançar numa base de gradientes. E a minha primeira conferência que vos dei sobre este assunto tinha a ver com gradientes. E descobrirão que a primeira vez que a doingness do indivíduo cedeu foi logo a seguir, *logo a seguir* a ter esbarrado com um gradiente demasiado íngreme. Ele não sucumbiu no gradiente íngreme, sucumbiu imediatamente antes de esbarrar com o gradiente íngreme. Irei falar-vos mais acerca de processar pessoas usando este princípio exacto do gradiente demasiado íngreme, numa conferência posterior.

É muito interessante. Mas o gradiente que ele falhou foi o que veio a seguir ao gradiente que não tinha compreendido. Mais, ele reconhece isto um passo mais à frente, vêem?

Ora bem, o que pretendem fazer é dar a alguém uma série de doingnesses num gradiente, que a pessoa possa executar e realizar. E em Cientologia têm uma coisa muito maravilhosa chamada "Ajuda por Toque", e é tão funcional que algumas pessoas como que ficam imediatamente por ali, pela Ajuda por Toque; e isso é apenas um pequeno nível de doingness que, se o puserem em prática, pois bem, dá-vos alguma confiança e podem continuar até níveis de doingness mais elevados, vêem? Mas é algo como ter inventado um carro para crianças demasiado bom. Sabem, este é um carro demasiado bom para crianças; e vocês descobrirão que por vezes é difícil levar as pessoas para o passo seguinte. Porém, a confiança e a compreensão

acompanham a doingness, pelo que a doingness é apenas outro método de alcançar compreensão. Além de alcançar algo com ela, e por aí fora, é também um método de obter compreensão. A doingness é um método de obter compreensão. E se se encontram demasiado atolados, etc., bem,, necessitam de ir fazer um pouco de doingness, e isso parecerá bastante interessante.

Ora, eu sei... eu mesmo acabei há pouco de ler três livros sobre filmes a cores, obsoletos e de antanho. Estou a estudar fotografia a cores em compêndios que, embora tenham sido escritos por esta instituição, etc., já há muito se tornaram antiquados. São obsoletos e resta muito pouco dos materiais de que tratam. E foram escritos por um professor da Universidade de Colúmbia, que provavelmente nunca tirou nenhum. E a maioria das instruções, etc., foram retiradas da literatura publicada pelas empresas que nessa altura fabricavam o material. E pretendiam apenas resultados satisfatórios e eles nem sequer pensaram que alguém pudesse ter problemas com o material. O resultado final disto traduziu-se numa abordagem teórica básica tremendamente interessante, que era absolutamente vital para a compreensão do assunto, que se desviou loucamente para uma sequência de doingnesses que já não se usavam e não tinham relação alguma umas com as outras. Por conseguinte, se esta não era a pior miscelânea do mundo com que eu alguma vez lidei, gostaria de saber porque não. Uma verdadeira salada russa! Aqui está tecnologia básica, vital, tecnologia histórica básica, montagem básica, tecnologia química básica. Todo este material não só é verdadeiro agora, como vai continuar a ser verdadeiro daqui em diante neste campo particular, estão a ver? Os básicos, os fundamentos, etc.

Bem, eu aprendi-os mesmo bem, apesar de estar a aprendê-los a partir de um professor. E logo a seguir, de repente uma pessoa colide com filmes que nunca usará, e tem que saber tudo da literatura a respeito destes. Oh, isto é bastante duro, porque em primeiro lugar já aprendi que a tabela de uso do fabricante sobre o assunto relativo a qualquer rolo de filme, e muito menos filme a cores, é algo que vocês têm muito cuidado em não espalhar pela rua. Põem-no no caixote do lixo. Vêem? É inútil! Esqueçam isso! Para começar não é ele o utilizador do filme. Ele é o vendedor do filme. Não é apenas o seu fabricante, também tem de vender este material, por isso tem de lhe dar um aspecto muito atraente. Por isso diz que o seu grau de sensibilidade sobe até às estrelas, quando não é verdade. E diz que este não fará algo quando o faz. E tudo acerca desta coisa, e como se maneja esta coisa, e tudo acerca disto, e nem sequer é aplicável.

Em primeiro lugar, por que razão teria alguém incluído isto num texto? Ele já sabia que o filme a cores era um campo em progresso. Estava a avançar tão rapidamente que esperar que o indivíduo, sem a actualização do texto, tivesse que saber tudo sobre o autocromo... não existem autocromos desde 1920. Nem sequer funcionava nessa altura. Quem alguma vez ouviu falar deste material? Bem, é agradável saber que eles tiveram um filme fotográfico deste tipo e qual era a sua teoria básica, mas agora incluir os diafragmas das objectivas e os ajustes de posição para o autocromo, oh, por favor! Bem, qual diafragma da objectiva e que ajuste de posição para os autocromos num sistema de câmara que é possível que já não se use mais? Isso é só palavreado, não é? Bem, a vossa compreensão tem de abranger este facto, e vocês de uma ou de outra forma têm de sobreviver ao assunto e ainda assim reter intacta a tecnologia básica e os fundamentos vitais do assunto que aprenderam, sem serem tão perturbados pelas posteriores turbulências em que entraram, porque isso já está ultrapassado e desenvolvido.

Ora, vocês deparam-se com isso devido simplesmente ao avanço da Cientologia. Eu acabei por passar por essa experiência da maneira mais louca possível. O terceiro livro era totalmente dedicado aos métodos de impressão e eu não queria ser encontrado morto, fosse de que maneira fosse, numa câmara escura para filme a cores. Vejam, *eu-brr!* Quem é que quer andar a brincar assim, percebem? Bem, há muitos indivíduos por aí *que gostam* de brincar assim, e estou contente de que os haja, porque são eles que vão andar a brincar por mim. Tudo o que tenho de saber nesse



campo é, também, ter a compreensão daquilo que tenho de saber. Não tenho tempo nem inclinação para passar 40 ou 50 horas a trabalhar na obra fotográfica para uma exposição de forma a ter a relação correcta ou a sobreposição de cores exacta. Não tenho nem tempo nem inclinação para isso. Quem faria tal coisa? Um desses tipos que andam a brincar. Eles trabalhariam alegremente! Maravilhoso, eles não poderiam viver sem isso! Estão a ver? Bem, tenho de saber o suficiente para saber se eles sabem ou não o que estão a fazer.

Isso é, uma vez mais, a compreensão daquilo para que preciso da informação, a compreensão do uso que vou dar a esta informação, a compreensão do seu valor e precisão; compreensão daquilo que tenho que ter dela. É a compreensão daquilo que eu quero; a compreensão do uso correcto prático ou aplicação desta informação; e se fosse para discussão de salão, estudá-la-ia de uma forma completamente diferente. Se estivessem a estudar arte para discutir nos salões, sem ser para fins comerciais, asseguro-vos que a coisa a fazer é procurar um catálogo publicado há uma tremenda quantidade de tempo, que liste todos os tipos de pintores da época de Van Eyck, ou uma coisa parecida, e obter os nomes de todos os pintores contemporâneos, reparem, obter os nomes de todos estes e aquilo em que se distinguiram, vejam, e memorizar... somente marrar, marrar, marrar, tal como se memoriza o argumento de uma peça de amador, tudo isso, e assim por diante. Conversa de salão, de impressionar toda a gente! Eles dizem algo sobre os pintores do século XVII, sabem, e vocês respondem: "Como Van der Dobin".

E eles exclamam: "O quê?"

E vocês: "Sim, Van der Dobin".

Por outras palavras, podem brincar a armar-se em bons com esta coisa. Pô-los de rastos, sabem? "Bem, Hobbema, afinal... demasiado azul".

E toda a gente diz: "Caramba! Ele está mesmo por dentro disto".

Seja como for, o disparate em que poderiam converter essa e outras linhas ainda está compreendido sob o título de: "Por que razão vão utilizar esta informação? Qual o grau de conhecimento que têm de obter sobre o conteúdo de um assunto particular? Ora, é claro, alguns dos professores que tive no assunto da guerra anti-submarinos estavam atarefados a ensinar-me a construir (a *construir*, por favor! Havia uma guerra em curso. Eu não tinha tempo para construir coisa alguma. Tentei explicar-lhes isso) um dispositivo electrónico de eco anti-submarino QCB-1. "Um ASDIC QCB-1. É assim que se constrói". Felizmente era uma sala de classe maravilhosamente, maravilhosamente quente, e eu fui enviado por um período de tempo muito curto, para o sul da Flórida, para aprender essa espécie de coisas, e essa foi uma das que me ensinaram, e meus caros, pude pôr o sono em dia; porque realmente sabia de uma maneira ou de outra que no meio do Oceano Pacífico, ocupadíssimo com os submarinos japoneses, eu não ia ter que construir uma coisa dessas. Ia simplesmente ter de saber usá-lo e, no máximo, repará-lo, e saber quando estava em funcionamento e quando estava fora de funcionamento. Calculei que isto seria tudo acerca do assunto de que ia precisar quando em plena acção. Isso era tudo quanto precisaria de saber sobre esse equipamento, por isso passei por um bom sono.

Mas a avaliação daquilo para que a querem, de como é que a estão a estudar, em que direcção é que está a ir, etc., faz tudo parte integrante de todo o assunto do estudo. E se não for incluída no campo do estudo, pois bem, o uso que fazem da informação é mínimo, e podem ficar muito estupidificados, e muito escandalizados, e presos numa enorme quantidade de palavras e de coisas que impedem o vosso caminho, e que vos perturbam, e que não compreendem. E entram na obsessão de: "tenho de compreender tudo quanto leio perfeitamente, senão fico preso", e isto é-vos ensinado pelo facto de que, se não compreenderem o que lêem, meia página depois começam a ter dores de cabeça. Bem, também devem incluir a ideia de que, depois de terem lido

mais essa meia página e obtido a dor de cabeça, têm então de ser suficientemente espertos para saber que *havia alguma coisa para trás, descobrir qual era, localizá-la, e tirá-la do caminho*. Dizem: "Sim, esta é uma palavra que não sei". E continuam a ler.

Por outras palavras, para estudar têm de dispor de muita tecnologia de estudo, ou o uso da informação que estão a obter será mínimo.

Ora bem, dei-vos uma quantidade de coisas hoje, nesta conferência, que são sobretudo teóricas, e esse tipo de coisas. Tudo isto tem, porém, aplicações muito práticas e tem aplicação prática naquilo que estão a fazer agora mesmo. De maneira que, como aumentaram as vossas classificações muito, muito satisfatoriamente depois de cada conferência, bem, façam o favor de aumentá-las outra vez.

Muito obrigado.